

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

Marcela Medeiros Ayres Pereira

**A narração das transmissões esportivas no rádio: os clássicos do futebol mineiro na  
Rádio Itatiaia**

Mariana

2022

MARCELA MEDEIROS AYRES PEREIRA

**A narração das transmissões esportivas no rádio: os clássicos do futebol mineiro na  
Rádio Itatiaia**

Monografia jornalística "A narração das transmissões esportivas no rádio: os clássicos do futebol mineiro na Rádio Itatiaia" apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Nair Prata

Mariana

2022

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

P436n Pereira, Marcela Medeiros Ayres.

A narração das transmissões esportivas no rádio [manuscrito]: os clássicos do futebol mineiro na Rádio Itatiaia. / Marcela Medeiros Ayres Pereira. - 2022.

44 f.

Orientadora: Dra. Nair Prata.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Rádio Itatiaia (Belo Horizonte, MG). 2. Futebol - Minas Gerais. 3. Jogos. 4. Rádio - Transmissores e transmissão. I. Prata, Nair. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 659.3(815.1)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador  
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Marcela Medeiros Ayres Pereira**

**A narração das transmissões esportivas no rádio:  
os clássicos do futebol mineiro na Rádio Itatiaia**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Jornalismo

Aprovada em 03 de novembro de 2022.

### Membros da banca

Profa. Dra. Nair Prata Moreira Martins - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto- UFOP  
Profa. Dra. Débora Cristina Lopez - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP  
Prof. Dr. Marcelo Freire Pereira de Souza - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

Profa. Dra. Nair Prata Moreira Martins, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 28/09/2023



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Fernando Jauregui Pinto, COORDENADOR(A) DE CURSO DE JORNALISMO**, em 29/09/2023, às 10:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0596893** e o código CRC **D788FFDD**.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus pais por me incentivarem diariamente a fazer um trabalho completo e com qualidade. Ao meu irmão Hiago por repetir sempre que necessário que eu sou capaz e que devo correr atrás dos meus sonhos. Às famílias Ayres e Medeiros pelo apoio incondicional. Às minhas amigas de Ouro Preto pela torcida diária. Aos amigos da República Cosa Nostra pelo incentivo. À República Mexicanas por ser o meu refúgio em meio a tantas responsabilidades. À Universidade Federal de Ouro Preto por todos os ensinamentos que adquiri até hoje, pelos professores dedicados e por abrir tantas portas na minha vida. E por fim à orientadora Nair Prata por se aventurar neste trabalho comigo e compartilhar suas experiências enriquecedoras. Dei um passo importante em direção à minha formação, e devo muito a todos vocês!

## RESUMO

A primeira transmissão via rádio de um jogo de futebol no Brasil foi realizada em 1931, pela Rádio Educadora Paulista. Desde então as narrações vêm sendo consumidas por milhares de pessoas ao longo dos anos, no mundo todo, e se renovam de geração em geração (GÖTZ, 2020). A Rádio Itatiaia é líder em audiência em Minas Gerais, e seus números deram à emissora em janeiro deste ano uma marca expressiva de cerca de 3,12 milhões de pessoas acompanhando a programação (Inset, 2022). Junto a isso vem o sucesso que suas narrações de futebol fazem, transmitindo a mais pura emoção em cada partida e carregando consigo ouvintes fiéis nos seus 70 anos de existência (Itatiaia, 2022). Com base nisso, este trabalho tem como objetivo fazer um estudo comparativo entre duas transmissões de clássicos do futebol mineiro, disputados por Atlético-MG x Cruzeiro, sendo uma realizada em 1999 e outra em 2009, transmitidos pela Rádio Itatiaia. Começa pela parte conceitual apresentando a história do rádio no Brasil, contando como as transmissões esportivas começaram e quais são as principais características das narrações feitas no século passado e hoje em dia. No capítulo seguinte aborda o futebol, toda a bagagem que clássicos como os de Minas Gerais carregam e como eles impactam na vida das pessoas. Após essa etapa vem a pesquisa, com as principais semelhanças e diferenças entre as narrações dos dois jogos em questão, mais precisamente referentes ao estilo de narrar e bordões utilizados pelos narradores e as conclusões tiradas a respeito disso.

**Palavras-chave:** Futebol; Rádio; Itatiaia; Jornalismo Esportivo.

## **ABSTRACT**

The first radio broadcast of a football match in Brazil took place in 1931, by Rádio Educadora Paulista. Since then, commentaries have been consumed by thousands of people over the years, worldwide, and have been passed down from generation to generation (GÖTZ, 2020). Rádio Itatiaia is a leader in audience ratings in Minas Gerais, and its numbers gave the station an impressive mark of about 3.12 million people tuning in to the programming in January of this year (Inset, 2022). Alongside this, there is the success of its football commentaries, conveying the purest emotion in each match and carrying with it loyal listeners over its 70 years of existence (Itatiaia, 2022). Based on this, this study aims to make a comparative analysis between two broadcasts of Minas Gerais football classic matches, played by Atlético-MG x Cruzeiro, one in 1999 and another in 2009, both broadcasted by Rádio Itatiaia. It begins with the conceptual part, presenting the history of radio in Brazil, recounting how sports broadcasts started, and highlighting the main characteristics of commentaries made in the last century and today. In the next chapter, it delves into football, exploring all the baggage that classic matches like those in Minas Gerais carry and how they impact people's lives. After this stage comes the research, outlining the main similarities and differences between the commentaries of the two games in question, specifically regarding the narrators' style and catchphrases used, along with the conclusions drawn about it.

**Keywords:** Football; Radio; Itatiaia; Sports journalism.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1 VIAJANDO PELAS ONDAS DO RÁDIO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. A história do rádio no Brasil .....</b>	<b>11</b>
<b>2. A história do rádio em Minas Gerais.....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 2 A PAIXÃO ATEMPORAL DOS BRASILEIROS .....</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 3 ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS NARRAÇÕES ESPORTIVAS....</b>	<b>28</b>
<b>3.1 OBJETIVO.....</b>	<b>32</b>
<b>3.2 METODOLOGIA .....</b>	<b>33</b>
<b>3.3 ESTILOS DE LOCUÇÃO .....</b>	<b>36</b>
<b>3.4 ANÁLISE.....</b>	<b>37</b>
<b>4. CONCLUSÃO.....</b>	<b>41</b>
<b>5. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>42</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Desde a década de 1930, quando as transmissões de partidas de futebol através do rádio começaram no Brasil, tanto esse esporte quanto o veículo em questão vêm sendo consumidos ininterruptamente, conquistando um público fiel e engajado. A primeira transmissão neste formato aconteceu no dia 19 de julho de 1931, e foi feita pela Rádio Educadora Paulista (GZH Almanaque, 2020).

A Rádio Itatiaia, fundada em 1952 em Nova Lima-MG, é uma das emissoras mais respeitadas do país, principalmente quando o assunto são as narrações futebolísticas. O seu objetivo desde o início era ter compromisso com a verdade e com o ouvinte, e foi através desses princípios que conquistou uma audiência inigualável. As partidas de futebol transmitidas por ela em Minas Gerais têm um caráter especial, e se tornaram parte da vida de milhares de famílias e grupos de torcedores (SANTOS, 2008).

Logo, o presente trabalho é um estudo comparativo entre duas transmissões de jogos feitas pela Rádio Itatiaia, disputadas entre Atlético-MG x Cruzeiro, uma realizada em 1999 e outra em 2009. Pretende-se apontar as principais características de cada uma delas, ressaltando as semelhanças e as diferenças com relação ao estilo de narrar e os bordões utilizados pelos narradores.

Isso será feito com base em categorias que vão servir de parâmetro para a comparação. Como base para tal, serão usados como protagonistas dois grandes narradores da Rádio Itatiaia que estiveram presente nas transmissões escolhidas, são eles: Alberto Rodrigues Lima e Willy Fritz Gonser.

Primeiramente é necessário falar sobre como a história do rádio começou no Brasil, e mais precisamente, como esse veículo ganhou força em Minas Gerais. Em seguida começa o percurso pelas transmissões esportivas, que eram feitas naquela época com poucos profissionais, quase nenhum recurso e muita improvisação. O desenvolvimento da tecnologia foi um grande aliado das emissoras de rádio conforme os anos foram passando. No decorrer do primeiro capítulo também será falado sobre as narrações esportivas, que tiveram início na mesma época em que ocorreu a primeira Copa do Mundo de Futebol, fato que impulsionou ainda mais o desenvolvimento e o sucesso desse novo modelo de comunicação (PRATA, 2009).

Em seguida, é preciso trazer a análise para mais detida do objeto do trabalho, entrando no universo do futebol e contando a trajetória dos clássicos disputados em Minas Gerais. Eles se tornaram uma referência à medida que começaram a ser disputados e ganharam popularidade, e quando o assunto são as transmissões feitas pela Rádio Itatiaia, conquistaram uma fidelidade inigualável do ouvinte. A emissora é líder em audiência em Minas Gerais e carrega uma história cheia de marcos importantes e personalidades (PRATA, 2010). É impossível falar sobre a história do rádio mineiro e das transmissões esportivas sem mencionar a Itatiaia, que faz parte da vida de milhares de pessoas até hoje. “A existência da emissora em si já merece ser objeto de estudo por ser um importante referencial para o entendimento do atual quadro radiofônico mineiro, bem como suas tendências frente à globalização.” (SANTOS, 2008, p.2)

A Itatiaia constitui um marco na história da radiofonia em Minas Gerais por encontrar um caminho novo na década de 50, deixando de lado os velhos conceitos de programação. O responsável por isso foi Januário Carneiro. Fundador da Rádio Itatiaia, transformou a pequena emissora numa estação que figura hoje entre os maiores faturamentos da mídia nacional (PRATA, 2010, p.2).

As transmissões esportivas da Itatiaia começaram em setembro de 1952, e desde então, o futebol ganhou muita relevância na emissora, mesmo não sendo o único foco da sua programação. Ela é conhecida por transmitir nas narrações a verdadeira emoção que esse esporte carrega, e por construir todos os dias uma relação de intimidade com os ouvintes (Itatiaia, 2022). Quando falamos de transmissões futebolísticas feitas através do rádio, o desafio é maior que em qualquer outro veículo. Isso se deve ao fato de o narrador e o comentarista, no caso, terem que fazer com que os ouvintes saibam apenas pela audição tudo que está acontecendo naquele jogo. E passar com veracidade como são os lances marcantes responsáveis por gerar expectativa e felicidade no torcedor é desafiador (GÖTZ, 2020).

Mas isso a Rádio Itatiaia faz como ninguém desde o início da sua história. Uma prova disso são as pesquisas feitas pelos veículos midiáticos que sempre a apontam como a líder em audiência em Minas Gerais, como por exemplo, uma realizada em janeiro deste ano pela Kantar Ibope Media, que diz que a emissora alcançou um público de 1,14 milhão de pessoas nas plataformas digitais e 1,98 milhão de ouvintes no dia, chegando à marca de 3,12 milhões de pessoas ligadas à programação apenas no primeiro mês do ano. São cerca de 140 mil ouvintes por minuto, totalizando cerca de 1 milhão de pessoas em 24 horas (Inset, 2022).

Na etapa seguinte será explicado como o estudo comparativo entre as transmissões dos dois clássicos será feito, sendo baseado nas narrações de cada um, suas características,

semelhanças e diferenças. Alberto Rodrigues, o Vibrante, e Willy Gonser vão protagonizar essa comparação, e o estilo de narrar de cada um junto aos bordões utilizados será o foco da pesquisa.

O objetivo deste trabalho é registrar como essa evolução aconteceu na história da Itatiaia. Fazer essa comparação é fundamental para entender o que ainda faz parte das tradições da rádio e o que mudou ao longo do tempo, acompanhando o mercado e a tecnologia. Além disso, contribui para um melhor entendimento pela população sobre o radialismo e suas transmissões, que passa a valorizar ainda mais este trabalho.

Por fim será apresentada uma conclusão, com todos os resultados obtidos e como isso impacta na história do radiojornalismo esportivo mineiro. Essas considerações serão feitas com base em um trabalho de observação, escuta e atenção nos detalhes de cada fala utilizada pelos narradores. A partir disso, vão compor e estruturar o estudo comparativo em questão.

Serão usados como referência as obras da autora Nair Prata, entre elas “Panorama do Rádio em Belo Horizonte” (2009) e “O Rádio Entre as Montanhas” (2010). Além delas, trabalhos como “O local e o global na Rádio Itatiaia” (2009) de Maria Cláudia Santos; “A Narração Esportiva no Rádio do Brasil: uma proposta de periodização histórica” (2020) e “A Narração de Futebol no Contexto do Rádio Expandido” (2022) de Ciro Augusto Francisconi Götz; “A Transmissão Esportiva no Rádio” (2016) de Thays Renata Poletto e colaboradores e “Além do jogo: a atmosfera da maior rivalidade de Minas Gerais” (2020) de Rômulo Giacomin Soares.

## **CAPÍTULO 1 VIAJANDO PELAS ONDAS DO RÁDIO**

### **1. A história do rádio no Brasil**

No dia 7 de setembro de 1922, o presidente Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa(1865-1942) proferiu um discurso no rádio, através de uma transmissão à distância e sem fios, como parte das comemorações do centenário da Independência do país. Esta data foi um marco da radiofonia brasileira, mas não foi nesse dia que a história desse veículo começou no nosso país, já que existem registros de testes com o rádio desde o dia 6 de abril de 1919 (FERRARETO, 2001). Nesse período, o médico Edgard Roquette-Pinto (1884-1954), pesquisava a radioeletricidade para fins fisiológicos, e ao se entusiasmar com as transmissões, convenceu a Academia Brasileira de Ciências a patrocinar a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (Abert, 2022).

Essa rádio só começou a operar oficialmente no dia 30 de abril de 1923, e entre este ano e 1924, já haviam muitas emissoras em funcionamento. Em Minas Gerais, por exemplo, a Rádio Sociedade, de Juiz de Fora; em Curitiba, a Rádio Clube Paranaense; no Rio Grande do Sul, a Sociedade Rádio Pelotense, de Pelotas; em Porto Alegre, a Rádio Sociedade Gaúcha, que até hoje é conhecida como a pioneira no sul do país; e em São Paulo, a Rádio Clube São Paulo (Abert, 2022).

Porém, apesar de o rádio ter se desenvolvido em várias regiões do país, as emissoras cariocas e paulistas tiveram destaque no quadro radiofônico nacional. As rádios Mayrink, Tupi, Tamoio e Nacional, do Rio de Janeiro por exemplo, eram as que possuíam os maiores índices de audiência (CALABRE, 2002).

O rádio brasileiro se estruturou a partir de uma dupla determinação: seria um veículo de comunicação privado, subordinado às regras do mercado econômico, mas ao mesmo tempo controlado pelo Estado, responsável tanto por liberar a concessão para as emissoras funcionarem, quanto fazer a cassação caso elas desrespeitassem as leis do código de comunicação daquela época (CALABRE, 2002).

No início a sua programação era voltada para a elite, já que ela contava com concertos, recitais de poesias, óperas e palestras culturais. Além disso, os receptores usados

para fazer as transmissões eram importados e custavam caro, fato que impossibilitava muitas pessoas de adquirirem os equipamentos (MAUAD, 2009).

Conforme os anos se passaram, inúmeros programas começaram a ser transmitidos através desse veículo, e da década de 20 até a década de 60, quem ganhou destaque foram as radionovelas, os programas de auditório, as cantoras chamadas “rainhas do rádio”, os programas humorísticos e de variedades (CALABRE, 2002).

O rádio também foi responsável por criar modas, ditar práticas cotidianas e incentivar a socialização entre as pessoas, já que se tornou parte constante dos lares e virou um meio fundamental de comunicar a informação e o entretenimento (CALABRE, 2002).

No entanto, é preciso lembrar que os primeiros anos de funcionamento do rádio foram marcados por dificuldades devido a um constante surgimento e também desaparecimento de emissoras. Nessa época elas eram criadas por meio da chamada rádio-sociedade, que exigia uma contribuição mensal por parte dos associados. Logo, apesar de muitas pessoas se associarem, poucas continuavam pagando as mensalidades, resultando no fim de inúmeros veículos (CALABRE, 2002).

Nessa primeira fase, o rádio se mantinha com mensalidades pagas pelos que possuíam aparelhos receptores, por doações eventuais de entidades privadas ou públicas e, muito raramente, com a inserção de anúncios pagos, que, a rigor, eram proibidos pela legislação da época. E também eram feitos apelos para que os interessados aderissem à emissora como sócios, ajudando a mantê-la. Mas, como diz Renato Murce, “a constância não é uma virtude muito brasileira, depois de alguns meses, ninguém mais pagava”. E o rádio lutava com dificuldades, sem estrutura econômico financeira que pudesse favorecer o seu desenvolvimento (ORTRIWANO, 1985, p. 14).

Devido a esse tipo de dificuldade, as emissoras viram a necessidade de reivindicarem o direito de sobreviverem com os seus próprios recursos. “A era comercial só começou em 1932, com o Decreto de Lei nº. 21.111 de 01/03/32, que autorizava 10% de sua programação a ter comerciais. Nessa época, tínhamos Getúlio Vargas, como Presidente da República” (MAUAD, 2009, p. 6).

A partir disso, o número de propagandas aumentou e o rádio passou a ser visto com outros olhos pelas pessoas que ocupavam cargos de poder da época. O veículo se transformou em um ótimo negócio lucrativo, e após essa mudança as rádios se viram obrigadas a mudar suas programações (MAUAD, 2009).

O que era erudito torna-se popular; muitos artistas foram contratados nessa época. A competição entre os veículos aumentou, trazendo o

desenvolvimento técnico e também a preocupação com a popularidade do veículo. As emissoras se tornam mais profissionais e os transmissores e receptores, se tornam mais potentes. Os progressos permitiram a melhora do som, evitando problemas de interferência. Desta forma, as emissoras se organizaram realmente como empresas, deixando algumas preocupações de lado para garantir outras, com o objetivo de adaptação (MAUAD, 2009, p. 6).

As emissoras precisaram então se organizar como empresas para disputar o mercado. Os interesses mercantis tornaram-se uma prioridade entre elas, e essa competição era baseada no desenvolvimento técnico, no status da emissora e na popularidade que ela carregava (MAUAD, 2009).

Nos anos 40 começou a chamada “época de ouro” do rádio. Isso se deve a algumas mudanças significativas que ocorreram nesse veículo e que mudaram o rumo da sua história e desenvolvimento. A primeira delas aconteceu na programação, que passou a ser mais organizada e diversificada, além de possuir um caráter mais popular e menos elitista. Em seguida houveram alterações na linguagem utilizada, que passou a ser mais simples, direta e de fácil entendimento, atingindo públicos de diversas culturas, poder aquisitivo e classes sociais (MAUAD, 2009).

Um marco importante desse momento foi quando foi ao ar a primeira radionovela, em 1942, que se chamava “Em busca da felicidade”. Ela foi exibida pela Rádio Nacional, e logo conquistou o público com a trama. As personagens da novela tinham que transmitir apenas através da voz todas as sensações e emoções que a história carregava, o que era um desafio, mas tornava esse modelo de transmissão ainda mais interessante e popular entre as pessoas, que embarcavam na narrativa e tinham que imaginar os cenários, as características dos atores, entre outros (MAUAD, 2009).

A Rádio Nacional foi responsável por disseminar as notícias no rádio brasileiro de maneira mais prática, através de frases curtas e objetivas que traziam a ideia da instantaneidade para o ouvinte. E para facilitar ainda mais a circulação da notícia nas emissoras, foi criado em 1947 o transistor (dispositivo semicondutor usado para amplificar e trocar sinais eletrônicos e potência elétrica), tornando a comunicação mais ágil e possibilitando, por exemplo, que fossem feitas reportagens das ruas (MAUAD, 2009).

Os momentos de dificuldade surgiram quando a televisão chegou ao Brasil e começou a se fazer presente na vida das pessoas, afinal ver e ouvir uma reportagem seria mais interessante do que apenas ouvi-la. Dessa forma, as emissoras precisaram se reinventar de alguma maneira, e priorizar aquilo que realmente chamava a atenção do público e era necessário no seu dia a dia (MAUAD, 2009).

Ganharam espaço então os chamados serviços de utilidade pública, e programas para todos os gostos foram sendo desenvolvidos a partir dali. As emissoras começaram a se segmentar por categorias (jornalísticas, populares, musicais, religiosas) e faixas etárias, e se disseminaram em todas as regiões do país (CALABRE, 2002).

Em setembro de 1950 foi inaugurada a TV Tupi de São Paulo, primeira emissora de televisão brasileira, que impulsionou a criação de inúmeras emissoras de TV responsáveis por marcar então o fim da “Época de ouro” do rádio. Dessa forma as emissoras passaram a enfrentar uma crise que não era mais relacionada à redução de audiência e faturamento (FERRARETTO, 2012).

Perde o espetáculo para todos – as novelas, os humorísticos e os programas de auditório –, que, acrescido de imagem, migra para a televisão. Esta, por sua vez, impõe ao ambiente comunicacional uma nova forma de relacionamento com os bens culturais massivos. Diferentemente dos projetores e das telas de cinema – apesar da força dos filmes já, em grande parte, coloridos –, o televisor está na sala das casas como uma janela que se abre para o mundo. As cinzentas figuras que se movem no tubo de imagens tornam-se, assim, próximas em uma simulação diária de contato pessoal (FERRARETTO, 2012, p. 13).

O comunicador precisou então criar uma relação de maior proximidade com o ouvinte, e passou a fazer da programação uma conversa constante que fazia parte da vida dessas pessoas. O objetivo era se tornar parte da rotina dos espectadores, desde a hora que eles iam para o trabalho até quando chegavam em casa no fim do dia. (FERRARETTO, 2012) “Radinhos de pilha tornam-se comuns a partir do início dos anos 1960, ocorrendo o mesmo com os auto rádios na década seguinte, época em que começam também a surgir mais estações em frequência modulada” (FERRARETTO, 2012, p. 14).

Em seguida as estações AM (Amplitude Modulada) e FM (Frequência Modulada) foram difundidas, e ocorreu então uma transição para uma nova realidade, que foi baseada em quatro fatores. O primeiro foi a formação da sociedade de consumo em paralelo ao Milagre Econômico Brasileiro; o segundo foi o crescimento da população urbana, que superou a rural; o terceiro foi a ascensão dos jovens na sociedade; e o quarto, o processo de redemocratização do país. Tudo isso contribuiu para a consolidação de indústrias culturais, que se tornaram parte de uma sociedade que consumia esse tipo de produto (FERRARETTO, 2012).

Além disso, por volta de 1960, as emissoras começaram a se popularizar entre ouvintes de todas as classes sociais, principalmente C, D e E, dando destaque a um modelo de

rádio popular, que alcançava um número muito maior de pessoas e conquistou principalmente um público que tinha até 25 anos (FERRARETTO, 2012).

Até o fim dos anos 70 o rádio ainda era visto como um meio dominante em muitos locais do Brasil que eram afastados das grandes cidades. As radionovelas, sucesso nos anos 1940 e 1950, não tiveram tanto destaque nessa época, e o entretenimento do rádio começou a ser predominantemente a música. Nesse período ele ainda não competia com a televisão, ele inclusive a completava. O radinho de pilha, por exemplo, era um companheiro fiel dos trabalhadores mais pobres na rotina árdua de serviços, se tornando parte fundamental do cotidiano do brasileiro (Memórias da Ditadura, 2010)

Quando a década de 80 chegou a rapidez do desenvolvimento tecnológico trouxe a possibilidade das transmissões serem feitas via satélite e internet, e uma das consequências disso foi a alteração na transmissão das principais emissoras internacionais em ondas curtas, que divulgavam a sua programação para o mundo todo e passaram a optar por esse novo modelo. Outro ponto importante é que a concorrência da TV a cabo e da internet levaram o rádio a especializar-se na prestação de serviços e investir na sua digitalização (HAUSSEN, 2201).

Chega-se nos anos 90, onde houve a consolidação da telefonia celular no país, e com ela começa uma nova fase da história do rádio. Surgiram ali novos modos de acesso à informação, baseados no desenvolvimento da tecnologia e na relação de todos esses veículos que se comunicavam entre si, e que, para além disso, cresciam juntos (FERRARETTO, 2012).

É a portabilidade associada ao celular, que reúne – no relevante para esta reflexão – telefonia, internet e rádio, constituindo-se em uma das principais responsáveis pela ideia de interatividade presente nas transmissões e dominante nesta fase histórica. Vale observar que não se trata de nada próximo de um contato face a face, mas sim de uma simulação deste, uma ampliação a partir da coloquialidade já existente na fala do comunicador. (FERRARETTO, 2012, p. 19).

## **2. A história do rádio em Minas Gerais**

É impossível contar a história do rádio no Brasil sem falar da relação desse veículo com um dos estados em que ele mais ganhou destaque, Minas Gerais. A primeira emissora de rádio instalada em território mineiro foi a Rádio Sociedade, de Juiz de Fora, inaugurada no dia 7 de janeiro de 1926 (MAUAD, 2009).



Em 1931 a Rádio Mineira, primeira emissora de Belo Horizonte, foi fundada. Porém a primeira transmissão experimental da capital aconteceu em 1926, por meio da Rádio Clube. No ano de 1933 outras duas rádios já funcionavam em Minas Gerais, a Rádio Triângulo de Uberaba e a Rádio Cultura de Poços de Caldas. Mas foi em meados de 1936 que surgiu a emissora que caiu no gosto popular, a Rádio Guarani (MAUAD, 2009).

A história do rádio mineiro pode ser dividida em três marcos. O primeiro deles é a Rádio Inconfidência, que fez história com programas de auditório, novelas, programas de humor e orquestras. Ela foi criada também em 1936, e é uma das mais tradicionais do estado até os dias atuais (PRATA, 2003).

Sua programação na época era voltada para a elite, e somente após uma reformulação realizada tempos depois que ela passou a ser de cunho popular. A partir disso o crescimento foi constante e a emissora se tornou uma referência, dona por exemplo, de um dos programas mais antigos do rádio brasileiro: “A Hora do Fazendeiro” (MAUAD, 2009).

A Rádio Inconfidência é uma emissora pública, e funcionava em um dos lugares mais bem vistos de Belo Horizonte, a Feira Permanente de Amostras, onde hoje a rodoviária é localizada. Essa transição de uma emissora de elite para uma emissora popular aconteceu devido ao sucesso da Rádio Nacional. Naquele período tudo que ela fazia refletia nas outras rádios, e dessa vez não foi diferente (PRATA, 2003).

Um fato interessante é que, como naquela época as programações eram feitas inteiramente ao vivo, os apresentadores e repórteres estavam muito suscetíveis a cometer erros, que muitas vezes ficaram marcados na história (PRATA, 2003).

Ricardo Parreiras, jornalista que até hoje continua na Inconfidência, relata um episódio daquele tempo: Era a década de 50 e um incêndio consumiu a Casa Copacabana, em plena avenida Afonso Pena, coração de Belo Horizonte. O repórter da Inconfidência, falando ao vivo, entrevistou o coronel do Corpo de Bombeiros: “Coronel, quantas pessoas morreram?” O militar respondeu: “Meu filho, debelamos o incêndio e ninguém morreu!” E o repórter falou no ar: “Ô, mas que pena...” (PRATA, 2003, p. 70).

O programa “A Hora do Fazendeiro” surgiu apenas 5 dias após a fundação da emissora, e está no ar até hoje, sendo considerado o programa mais antigo do rádio brasileiro. João Anatólio Lima, engenheiro agrônomo, foi o responsável por colocar essa ideia em prática, e seu objetivo sempre foi criar um vínculo com o homem do campo (PRATA, 2003). “Hoje a emissora preocupa-se em manter um engenheiro agrônomo na coordenação técnica do programa que, atualmente, é apresentado por Geraldo Eustáquio e Tina Gonçalves”(PRATA, 2003, p. 71).

No final da década de 50 foi necessário fazer mudanças na programação para acompanhar o crescimento de outras emissoras e lidar melhor com a concorrência. “Nem mesmo a criação, anos mais tarde, da Inconfidência FM, chamada também de Brasileiríssima, não foi capaz de trazer de volta à emissora estatal o grande sucesso dos primeiros tempos e o brilho dos programas de auditório” (PRATA, 2003, p. 72).

O segundo marco da história do rádio no estado foi uma emissora fundada no ano de 1952 por Januário Laurindo Carneiro, a Rádio Itatiaia. Seu diferencial no mercado era contar com uma programação que incluía quadros esportivos e jornalísticos, e o seu propósito sempre foi ter uma relação de proximidade com o ouvinte, mantendo uma fidelidade e compromisso com a verdade (SANTOS, 2008).

A Itatiaia deixou de lado os velhos conceitos de programação, e começou sua história em Nova Lima, cidade localizada na região metropolitana de Belo Horizonte. Januário reuniu os poucos recursos que tinha na época e efetuou a compra de uma pequena emissora que estava à venda naquele local. Pouco tempo depois ela passou a funcionar no Hotel Ouro, operando com 110 watts, a menor potência permitida na época, e com uma frequência de 1.580 khz, considerada a pior possível (PRATA, 2003).

Em 1952 a emissora passou a operar na capital mineira, e disputava o mercado com três rádios: Inconfidência, Guarani e Mineira. Ela enfrentava dificuldades nas transmissões devido aos poucos recursos e recebia críticas constantes da população por isso, até que em setembro deste mesmo ano um fato mudou essa percepção entre as pessoas (PRATA, 2003).

Os Jogos Olímpicos Universitários foram sediados em Belo Horizonte, e em meio ao desinteresse entre as emissoras para transmitir o evento, a Itatiaia assumiu a responsabilidade e fez a cobertura dos jogos (PRATA, 2003).

A Itatiaia cobriu todos os jogos, contando com uma equipe sem experiência, sem carros, sem linhas de som e com apenas um telefone. Foi uma demonstração de força de um novo modelo de rádio que surgia, contrariando todos os princípios básicos que norteavam as transmissões radiofônicas até então. (PRATA, 2003, p. 75).

Conforme os anos foram passando a emissora esteve presente nos principais campeonatos, como as Olimpíadas e as Copas do Mundo desde 1966. Além disso, as transmissões dos jogos disputados principalmente entre as equipes mineiras ganharam força e o carinho dos torcedores do estado, devido à maneira única e característica de narrar (Rádio Itatiaia, 2022).

Aliado às transmissões esportivas, a rádio começou a investir no jornalismo propriamente dito, fazendo coberturas de grandes crimes da época e tudo aquilo que era de interesse popular. Até a década de 60 sua trajetória foi moldada assim, com uma programação basicamente de esportes e jornalismo, até que a emissora sentiu necessidade de ampliar os seus horizontes e incluir quadros musicais, por exemplo, para atingir o público que não se interessava pelos programas que estavam no ar (PRATA, 2003).

Na década de 70 a Itatiaia já tinha sua popularidade consolidada e era considerada uma emissora importante no cenário radiofônico mineiro e nacional, mas foi no final dos anos 80 que ela conseguiu ser líder em audiência em Minas Gerais (PRATA, 2003).

Segundo uma pesquisa feita pelo Kantar Ibope Media no início deste ano, a rádio é a única de Minas Gerais que está no ranking entre as dez mais ouvidas no Brasil. Os números dão à Itatiaia a expressiva marca de 3,12 milhões de pessoas ligadas à programação, seja pelo rádio ou pela internet. E ela segue há anos sendo a líder em audiência do estado (Rádio Itatiaia, 2022).

O terceiro e último marco foi uma emissora também destaque de audiência no estado, a Rádio Favela, criada em 1979. Sua sede era na favela do Cafezal, no bairro da Serra, e tinha como objetivo reduzir a criminalidade num conglomerado de 11 favelas, conhecido como Vila de Fátima (MAUAD, 2009).

A rádio começou a funcionar como uma emissora pirata, sem equipamentos de qualidade e com transmissores movidos a bateria de caminhão, por exemplo. Ao longo de sua história foi fechada várias vezes pela polícia, porém graças ao apoio da população sempre esteve no ar. Segundo um dos fundadores da rádio, Nerimar Wanderley Teixeira, a emissora ajudava os moradores da comunidade a encontrarem atendimento médico, por exemplo, e trocava as consultas por uma divulgação gratuita na rádio (PRATA, 2003).

Esse projeto se destacou no cenário nacional e internacional já que a emissora recebeu, por exemplo, o prêmio de “Melhor Programa de Rádio Alternativo”, em Milão, e já foi agraciada com o “Prêmio Mundial sem Drogas”, oferecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), pelo trabalho de prevenção ao tráfico (MAUAD, 2009). “Depois de viver por cerca de 20 anos na clandestinidade e enfrentar as constantes batidas policiais, em fevereiro de 2000 a Rádio Favela foi autorizada pelo Ministério das Comunicações a operar como emissora educativa” (PRATA, 2003, p. 84).

## CAPÍTULO 2 A PAIXÃO ATEMPORAL DOS BRASILEIROS

É preciso voltar em 1894 para entender como a história do futebol começou no Brasil. O responsável por introduzir o esporte no país foi Charles William Miller (1874-1953), filho de imigrantes ingleses que após passar um tempo na Europa, voltou com uma bola e várias técnicas de jogo para começar o processo de difundir essa prática no território nacional (GUIMARÃES, 2020).

O primeiro jogo de futebol registrado foi disputado no dia 14 de abril de 1895, entre o São Paulo Railwa (time de Charles Miller) e a Companhia de Gás, que foi derrotada por 4x2. E apesar de existirem outros relatos de práticas semelhantes a esse esporte nesta época, somente esse jogo marcou o início da era do futebol no Brasil (GUIMARÃES, 2020).

Em 1933 inaugura-se a segunda fase do futebol brasileiro, com jogos de caráter profissional que marcaram a história do esporte no país. O primeiro deles foi disputado no dia 12 de março de 1933, quando o São Paulo da Floresta derrotou por 5x1 o Santos Futebol Clube. Arthur Friedenreich (1892-1969), primeiro ídolo do esporte no Brasil, foi o autor do primeiro gol do São Paulo e da era profissional (GUIMARÃES, 2020).

Foi quando a Era Vargas (1930-1945) começou que o futebol se popularizou de vez no território brasileiro. As premiações começaram a se espalhar pelas regiões do país, e foi neste período que grande parte dos grandes clubes brasileiros surgiram, criados justamente para disputar os campeonatos dos seus respectivos estados (GUIMARÃES, 2020).

A democratização e a massificação do esporte, todavia, se dão por intermédio do vínculo entre público e agremiação. As competições eram fortalecidas e a Seleção Brasileira passou a ser acompanhada pelo torcedor. Também apareciam os primeiros ídolos, como Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Zezé Procópio, Tim e Sylvio Pirillo. Os estádios passavam a receber um aumento no público que comparecia às partidas (GUIMARÃES, 2020, p. 82).

Foi também nesta época que os gestores das emissoras de rádio começaram a perceber que o futebol era um produto interessante de ser explorado (GUIMARÃES, 2020). “No início dos anos 30, o rádio e o futebol brasileiro passam por uma fase semelhante. Ambos tentavam se profissionalizar e se livrar de vez do elitismo que caracterizou sua introdução no país” (SOARES, 1994, p. 22).

Quando as transmissões esportivas começaram, elas se resumiam apenas aos boletins informativos e não se concentravam somente no futebol. Além disso, até 1940, elas foram feitas de maneira improvisada, sendo realizadas dos telhados dos vizinhos, quintais e galinheiros, e foram necessárias muitas adaptações para que elas fossem feitas de acordo com os recursos daquela época (POLETTO et al, 2016).

O grito do gol, por exemplo, no início, tinha o problema de ser abafado pelos gritos e manifestações dos torcedores nas arquibancadas. Uma das primeiras formas de marcar o gol de maneira que fosse ouvido por quem escutava rádio foi inventada pelo compositor Ari Barroso, em 1938, quando era locutor esportivo. Ele comprou uma gaitinha e tocava cada vez que um time fazia um gol. Outros narradores foram inventando outras formas de marcar o gol e mesmo outras passagens do futebol (POLETTO et al, 2016, p. 3).

A primeira narração esportiva no Brasil aconteceu no dia 19 de julho de 1931, por meio da Rádio Educadora Paulista, quando Nicolau Tuma (1911-2006) narrou um jogo disputado entre São Paulo e Paraná, que aconteceu na cidade de São Paulo, no Estádio da Chácara da Floresta (GUIMARÃES, 2020).

Nicolau narrou, sem interrupções, uma partida que ficou marcada como a primeira a ser transmitida via rádio de maneira oficial. Algumas características marcaram essa transmissão, como por exemplo: não havia numeração nas camisas dos jogadores, então era preciso conhecer os atletas para descrevê-los para o público (GUIMARÃES, 2020).

Nesse início de década também aconteceu a primeira Copa do Mundo de Futebol, fato que impulsionou ainda mais o aumento da popularidade do esporte no país. Além disso, a rádio comercial começou a ser difundida, e essa coincidência se tornou primordial para a união entre o rádio e o futebol (GUIMARÃES, 2020).

Essa narração feita por Nicolau, no entanto, mesmo sendo muito importante historicamente, não foi transmitida para todas as regiões do país. A primeira narração feita para todo o Brasil aconteceu sete anos depois, em 1938, e foi protagonizada por Leonardo Gagliano Neto (1911-1974), que narrou uma partida de futebol da Copa do Mundo, ocorrida na França (POLETTO et al, 2016).

Registros de 1923 e 1930 apontam diversos experimentos feitos através do rádio, em que narrações esportivas eram realizadas diretamente dos locais onde aconteciam os eventos, e embora ainda fossem de caráter experimental, tiveram papel importantíssimo para a profissionalização das narrações e a consolidação das jornadas esportivas no rádio (GUIMARÃES, 2020).

O caminho percorrido para transmitir uma partida não era fácil, já que haviam dificuldades técnicas e estruturais naquela época. Além disso, era difícil fazer uma narração que pudesse ser ouvida com clareza pelo ouvinte (GUIMARÃES, 2020).

Quando a jornada esportiva foi instituída no rádio brasileiro e, por assim dizer, popularizada e sistematizada, os estádios não possuíam cabines de transmissão. As narrações eram lineares e, muitas vezes, com o locutor limitando-se apenas a descrever quem estava com a bola. Não havia a figura do repórter de campo, uma vez que este serviço era prestado somente pelo locutor, que muitas vezes era o único profissional a atuar no microfone. Somente a partir da década de 40 o comentarista esportivo passa a atuar. Inicialmente ele fazia suas intervenções apenas no intervalo da partida. É possível afirmar que a atual configuração tradicional de uma jornada esportiva no rádio – com narrador, comentaristas, repórteres e plantão esportivo – começou a existir, de fato, somente em meados dos anos 50 (GUIMARÃES, 2020, p. 83).

Além disso, esse veículo enfrentou outras dificuldades na sua trajetória para fazer as transmissões, como por exemplo o fato de os dirigentes esportivos acreditarem que o rádio era uma concorrência para as partidas em si. Eles achavam que muitos torcedores deixariam de ir ao estádio para ouvir as partidas no conforto de suas casas, e algumas emissoras como a Rádio Club do Brasil, por exemplo, chegaram a ser proibidas de transmitir os confrontos (GUIMARÃES, 2020).

Porém, conforme os anos se passavam, assim como o rádio e o futebol, as narrações e transmissões esportivas também evoluíam. “Os locutores foram inserindo novos elementos como a emoção, influenciados por estilos mais consolidados primordialmente, a exemplo de países da região do Prata, Uruguai e Argentina” (GÖTZ, 2020, p. 69).

Enquanto Nicolau Tuma se destacou em São Paulo, vários outros grandes nomes surgiram pelo país. Amador Santos liderou o início das transmissões no Rio de Janeiro, por exemplo, e Álvaro Celso da Trindade, conhecido como Babaró, foi considerado o primeiro narrador de futebol mineiro, trabalhando pela Rádio Guarani, em 1937 (GÖTZ, 2020).

Em 1945 a Rádio Panamericana modificou a sua estrutura de transmissão, dando mais espaço para os esportes na sua programação e criando as funções de comentarista e repórter, que não haviam anteriormente. Com a popularidade da narração esportiva, outras emissoras começaram a seguir esse caminho, e a rivalidade entre os veículos de rádio aumentou a qualidade dos profissionais contratados e das programações oferecidas aos ouvintes (POLETTO et al, 2016). Segundo Couto (2017), a crônica esportiva atingiu seu ápice de sucesso nos anos de 1950, e as transmissões pelo rádio passaram a impactar os ouvintes emocionalmente, indo além do caráter informativo.

Em 1960, as emissoras cariocas e paulistas começaram a modificar as suas técnicas de narrativa através do radialista Fiori Gigliotti (1928-2006), que passou a utilizar bordões durante os jogos. E a partir dos anos 70 as narrações ganharam mais humor e irreverência, dando destaque para radialistas como José Carlos Lopes de Araújo, o Garotinho, e Osmar Aparecido dos Santos, que revolucionaram a forma de transmitir futebol (POLETTO et al, 2016).

Osmar trouxe de volta investimentos para o setor esportivo do rádio. Com locução descontraída e muito próxima da linguagem do ouvinte, ele trouxe audiência para o rádio. Osmar criou diversas expressões que marcavam sua locução, como "ripa na chulipa" e "pimba na gorduchinha" (POLETTO et al, 2016, p. 3).

Ao longo dos anos, quem também ganhou destaque foram as narrações que proporcionam uma maior identificação entre a emissora e o ouvinte, especialmente em Belo Horizonte, onde Alberto Rodrigues Lima, mais conhecido como “Vibrante”, dá vida até hoje às transmissões de jogos do Cruzeiro, pela Rádio Itatiaia. Além dele, Willy Fritz Gonser (1936-2017) foi um dos maiores narradores do rádio mineiro, e levou aos torcedores do Atlético-MG uma emoção única por meio das suas locuções (GÖTZ, 2020).

A Rádio Itatiaia, foi fundada no dia 20 de janeiro de 1952, em Nova Lima-MG, por Januário Laurindo Carneiro (1952-1994), e é uma das emissoras mais respeitadas do país, principalmente quando o assunto são as narrações futebolísticas. Um dos seus principais objetivos sempre foi ter compromisso com o ouvinte e estabelecer uma relação de proximidade com ele, e foi através disso que conquistou uma audiência inigualável, que se mantém até hoje. As partidas de futebol transmitidas por ela em Minas Gerais são uma referência no Brasil todo, e parte da vida de torcedores de todas as classes sociais e idades. (SANTOS, 2008). As transmissões esportivas começaram em setembro de 1952, quando foram realizados na capital mineira os Jogos Olímpicos Universitários, e a Itatiaia mesmo com poucos recursos quis fazer a cobertura das competições (CUNHA, 2003). “Foi uma demonstração de força de um novo modelo de rádio que surgia, contrariando todos os princípios básicos que norteavam as transmissões radiofônicas até então” (CUNHA, 2003, p. 75).

Em 1959 a emissora se preparou para fazer com exclusividade a primeira transmissão internacional do rádio mineiro. Parte da sua equipe foi para a Argentina cobrir um jogo disputado entre Brasil x Peru, que abria o Campeonato Sul-Americano de Futebol, e

protagonizou um marco importante para a independência do veículo em Minas Gerais. (CUNHA, 2003) Estavam na cidade Januário Carneiro, o até então comentarista e coordenador de esportes Osvaldo Faria e o narrador Valdir Rodrigues (Rádio Itatiaia, 2019).

A proximidade que a Rádio Itatiaia construiu com o ouvinte foi um diferencial na sua história. “A Itatiaia está te chamando” é o refrão de um dos jingles mais famosos criados pela emissora, que traduz bem essa relação com o seu público (SANTOS, 2008). “É como um vizinho que, simplesmente, chama quem está do lado para compartilhar realidades em comum. Em um mundo globalizado, cada vez mais, chamam atenção emissoras com essa característica local-regional da Itatiaia” (SANTOS, 2008, p. 111). Segundo Bourdin (2001), a Itatiaia busca manter laços, despertar nos ouvintes o sentimento de pertencimento ao Estado até à vida da própria empresa radiofônica.

A emissora se autodenomina “A Rádio de Minas” e enfrenta diariamente a quantidade enorme de informações que a sociedade carrega a partir do desenvolvimento da tecnologia, sem fazer ligações com grupos religiosos ou políticos, por exemplo. Além disso, sua programação desafia a tendência da mídia de reproduzir conteúdos que já são feitos pelo mercado de massa, e traz uma inovação que perdura há mais de meio século (SANTOS, 2008).

Uma característica marcante que também deve ser mencionada é o fato de os profissionais da rádio falarem com o mesmo sotaque mineiro cobrindo qualquer tipo de reportagem, mesmo que seja de caráter internacional. Isso levou a emissora a realizar coberturas exclusivas, que ficaram marcadas no cenário nacional. Logo, conclui-se que o público absorve, do conjunto das informações, aquilo que o faz vibrar. A informação é qualificada devido a sua capacidade de gerar proximidade (SANTOS, 2008).

Atualmente a Itatiaia transmite, simultaneamente, nas frequências AM (610) e FM (95.7), é formada por uma rede de seis emissoras próprias e 51 estações filiadas. Além disso, ela detém cerca de 90% da audiência em jornadas esportivas e é uma referência nas transmissões, já que possui uma programação que dura 24 horas por dia e pode ser acessada de qualquer lugar do mundo através da internet (Rádio Itatiaia, 2022).

O futebol já teve a sua importância questionada por diversos setores da sociedade. Mas o que as pessoas muitas vezes não levam em conta, é que ele está ligado a análises comportamentais relevantes para compreender as relações humanas (SOARES, 2020).

Com certeza, uma das características mais marcantes desse esporte é que ele transcende as classes sociais, já que pessoas de diversos meios, profissões e lugares se unem em busca do propósito de torcer e vibrar pelos seus times. Para além dos torcedores, ao andar



pelos entornos dos estádios é possível encontrar desde comerciantes que vendem bebidas até os vendedores ambulantes de camisas, bandeiras e bonés (SOARES, 2020).

O futebol mineiro, em específico, é palco de clássicos realizados entre grandes equipes, e as partidas disputadas entre Atlético-MG e Cruzeiro, por exemplo, ganham ainda mais destaque neste cenário. A popularidade dos jogos entre esses dois times atravessou décadas, e se consolidaram como um dos eventos de maior relevância em Belo Horizonte (SOARES, 2020).

Ao percorrer a capital mineira é possível identificar a rivalidade entre as equipes presentes nos bairros, bares, casas e sedes dos torcedores. Ela é representada pelos escudos dos times, pelos seus respectivos mascotes, pelas letras das músicas cantadas pelas torcidas e as cores características dos uniformes. De um lado azul e branco, e do outro lado, preto e branco. Nos dias em que ocorrem os jogos ela fica ainda mais evidente, e muda o cotidiano das pessoas que dedicam seu tempo e energia para esses momentos (SOARES, 2020).

Nesse cenário, (principalmente em comparação com as ações mais rotineiras dos indivíduos), o futebol também trabalha como válvula de escape para seus admiradores, e isso é notado desde sua criação em tempos de Revolução Industrial. Perante uma partida, as pessoas abandonam momentaneamente hábitos cotidianos, diretamente relacionados a seus contextos socioeconômicos, e depositam grande parte de sua energia ao acompanhar o jogo (SOARES, 2020, p. 8).

Essa rivalidade começou em 1950, e apesar de o Clube Atlético Mineiro ter sido fundado em 1908 e o Cruzeiro Esporte Clube (antigo Societá Sportiva Palestra Itália) em 1921, foi no ano de 1956 que ela ganhou mais destaque. Tudo começou no Campeonato Mineiro, e nessa edição, ao contrário de como funciona hoje em dia, a final foi disputada em três jogos (SOARES, 2020).

O Atlético venceu a primeira partida e empatou a segunda, mas seu lateral esquerdo Laércio, que substituiu Haroldo machucado, não havia apresentado dispensa ou prestação do serviço militar, tendo se inscrito na competição apenas com um exame médico. Sendo assim, o Cruzeiro foi até o Tribunal de Justiça Desportiva (TJD) e requisitou os pontos da partida empatada. Entretanto, o TJD não aceitou, alegando que era responsabilidade da Federação Mineira de Futebol (FMF) e não do clube. No terceiro jogo o Atlético venceu mais uma vez, porém o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), resolveu dar os pontos da segunda partida à equipe celeste. Com isso, uma quarta partida seria necessária para a disputa, mas desta vez a equipe alvinegra foi que recorreu ao Conselho Nacional de Desporto (CBD), garantindo uma liminar para não disputar o jogo. “A questão só foi resolvida após a CBD ameaçar os clubes pertencentes a federações estaduais com títulos sub judice de não participar do primeiro

Campeonato Brasileiro, em 1959. Em 29 de março de 1959, ambos foram proclamados campeões mineiros de 1956 (SOARES, 2020, p. 11).

Nos mais de 100 anos de disputas, as duas equipes acumulam mais de 12 milhões de torcedores, um total de 505 jogos (segundo o Atlético-MG) e 491 (segundo o Cruzeiro). Diversos ídolos do futebol nacional e internacional deixaram as suas marcas nessas equipes, como por exemplo: Alex, Dirceu Lopes, Éder Aleixo, Paulo Isidoro, Ronaldinho (“o Gaúcho”), Ronaldo (o “Fenômeno”), Sorín, Taffarel e Tostão (SOARES, 2020).

Ambas as equipes já protagonizaram momentos de muito orgulho em suas histórias. (SOARES, 2020) A equipe celeste conquistou por quatro vezes o Campeonato Brasileiro, é hexacampeã da Copa do Brasil de Futebol e venceu por duas vezes a Copa Libertadores da América (Cruzeiro Esporte Clube, 2022). Já o time alvinegro foi bicampeão tanto do Campeonato Brasileiro quanto da Copa do Brasil de Futebol, e levou o título da Copa Libertadores em uma edição (Atlético Mineiro, 2022).

Hoje o clássico Atlético x Cruzeiro protagoniza uma disputa que acontece não só dentro de campo, como também fora dele. Os dois clubes se destacaram no esporte no campo estadual e nacional, e as narrações das partidas disputadas entre si têm a atenção de inúmeros torcedores (SOARES, 2020).

De acordo com Götz (2020), as transmissões esportivas passaram a acompanhar os torcedores dentro e fora das arquibancadas, tornando-se parte fundamental da cultura do futebol. É preciso salientar que, com o tempo, o rádio naturalmente precisou se adaptar às novas tendências tecnológicas e à multiplicidade de plataformas e veículos informativos, mas ainda que as narrações acompanhem as tendências ditadas pelo mercado, sempre vão manter uma essência que as tornam parte da vida dos brasileiros (GÖTZ, 2020).

Para escutar, consumir, aproveitar o que o rádio oferece não é preciso atenção total a fim de acompanhar o que está sendo veiculado. O rádio possibilita que se possam fazer outras atividades ao mesmo tempo em que se acompanha, por exemplo, uma partida de futebol. Com a união do esporte com o rádio, têm-se a chamada narrativa esportiva, onde narradores, comentaristas, repórteres e plantões exercem suas atividades, e recriam, a cada partida, um novo “universo” para o ouvinte (FABRIS, 2018, p. 46 e 47).

É preciso salientar que, as partidas de futebol transmitidas pelo rádio são marcadas também pelas características específicas das narrações de cada locutor, pelos bordões utilizados durante as transmissões, pela forma como as torcidas são identificadas e através

das trilhas tradicionais presentes em cada emissora, como as vinhetas e propagandas (SOARES, 2020).

Como citado anteriormente, as narrações feitas pela Rádio Itatiaia ganharam um carinho especial do público. Nesse contexto, os narradores Alberto Rodrigues e Willy Gonser foram protagonistas dos jogos durante muitos anos, e fazem parte da vida das torcidas de Atlético-MG e Cruzeiro (GÖTZ, 2020)

Alberto Rodrigues Lima, mais conhecido como “O Vibrante” nasceu no dia 7 de agosto de 1939, em Divinópolis, Minas Gerais. Passou a sua infância e adolescência em Araxá, cidade próxima à região do Triângulo Mineiro, e foi por meio de uma rádio local chamada Imbiara que começou a narrar jogos de equipes da cidade. Posteriormente se mudou para a capital mineira e ingressou na Rádio Itatiaia no seu primeiro emprego com carteira assinada, em 1963. Em seguida, seguiu para a Rádio Inconfidência e trabalhou por lá durante 10 anos, até que em 1978 retornou para a Itatiaia, onde permanece até hoje (GÖTZ, 2020).

Segundo Götz (2020), Alberto é um narrador paradigmático, que faz a chamada narração identificada e tem consciência de que, todo locutor, além de ter a capacidade de descrever os lances de um jogo de futebol, deve incluir elementos que chamem a atenção dos ouvintes, como por exemplo os bordões (GÖTZ, 2020).

Uma característica marcante do Vibrante era gritar o “gol, gol, gol, gol, gol do Cruzeiro!” e colocar apelidos nos jogadores. O Alex era o “Talento Azul”, o Ronaldinho era o “Garoto de Ouro”, o Ricardinho o “Mosquitinho”, o Marcelo Moreno o “Flecheiro Azul” e por aí vai (GÖTZ, 2020).

Para Alberto Rodrigues, a narração é muito mais um dom do que técnica. No seu entendimento, “você já nasce com aquilo”. Para ele, a função é completamente distinta da reportagem, comentário ou plantão. Lógico, garante, que o narrador se aprimora com o passar do tempo, mas, para ele, não é algo como aprender a fazer reportagem em um curso de Jornalismo. Não funciona assim com a narração esportiva, conforme sua compreensão (GÖTZ, 2020, p. 216).

Já Willy Fritz Gonser (1936-2017) nasceu em Curitiba, no Paraná, e passou por muitas emissoras até seus caminhos cruzarem com os da Rádio Itatiaia em 1979. Ele trabalhou, por exemplo, nas rádios de Curitiba Marumby, Curitibaana, Clube e Independência, Paiquerê de Londrina, Nereu Ramos de Blumenau, Gaúcha (Porto Alegre), Continental e Nacional (Rio de Janeiro), e Jovem Pan (São Paulo) (Terceiro Tempo Uol, 2010).

Até 2009 foi o locutor exclusivo dos jogos do Atlético-MG, onde era ovacionado pela torcida alvinegra. Ele cobriu onze Copas do Mundo, sendo conhecido como “o mais

completo do Brasil”. Tal marca o levou ao Guinness World Record, entrando para a história mundial das narrações esportivas (Jornal O Tempo, 2013).

No dia 5 de setembro de 2009 decidiu se desligar da Itatiaia. Em 2015 trabalhou novamente na Rádio Inconfidência como comentarista, permanecendo na emissora por seis meses. No dia 22 de agosto de 2017 Willy faleceu em Belo Horizonte, vítima de pneumonia, deixando uma saudade enorme no povo mineiro e principalmente na torcida atleticana.(Jornal O Tempo, 2013).

Assim como seu colega de profissão Alberto Rodrigues, Gonser também marcou milhares de torcedores com os seus bordões. Inúmeras pessoas cresceram ouvindo-o gritar “gooooooooo do Atléticoooooo” e utilizando expressões como “bola no barbante” quando a bola atravessava as redes (GÖTZ, 2022). Segundo Guiotti (2014, p. 419), Willy “escreveu com uma bela voz uma das mais completas carreiras da imprensa brasileira”.

### **CAPÍTULO 3 ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS NARRAÇÕES ESPORTIVAS**

O presente trabalho é um estudo comparativo entre duas transmissões de jogos feitas pela Rádio Itatiaia, disputadas entre Atlético-MG x Cruzeiro, uma realizada em 1999 e outra em 2009. Ele pretende apontar primeiramente as principais características de cada uma delas, como as datas, os locais das partidas, as escalações dos times, os juízes e os bandeiras presentes, as cidades em que ocorreram, o tempo de duração dos jogos, o público pagante, as rendas adquiridas e as equipes da rádio que trabalharam naqueles dias.

Em seguida ele irá ressaltar as semelhanças e as diferenças entre as partidas com relação à narração. Para isso, dois grandes narradores serão analisados: Alberto Rodrigues Lima e Willy Fritz Gonser. Primeiro serão apontadas as histórias de vida de cada um, suas trajetórias profissionais, e posteriormente quais eram as linguagens e bordões utilizados em questão, e será a partir disso que o estudo será desenvolvido.

Por meio dessa comparação será possível acompanhar como as palavras e expressões usadas por eles mudaram ou se mantiveram ao longo dos anos, seguindo um padrão de tradicionalidade que conquistou o torcedor e mantém uma audiência fiel até hoje (GÖTZ, 2022).

A pesquisa tem início apontando as informações de ambas as partidas. A primeira foi realizada em um domingo, dia 20 de junho de 1999, no Estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão, e o Atlético-MG venceu por 2x0 (Cruzeiropédia, 2009). Já a segunda, aconteceu no dia 26 de abril de 2009, também no Mineirão, e era o jogo de ida do Campeonato Mineiro, terminando com um placar de 5x0 para o Cruzeiro (Cruzeiropédia, 2009).

No primeiro jogo analisado, os gols marcados pela equipe alvinegra foram feitos por Marques, aos 44' (1T) e Lincoln 41' (2T) (Cruzeiropédia, 2009).

O árbitro do jogo foi Gustavo Mendez, e os assistentes foram José Eugênio e Euler Costa Nascimento. O público pagante foi de 56.880 pessoas e a renda adquirida com a partida foi de cerca de R\$543.055,00 (Cruzeiropédia, 2009).

O Cruzeiro era escalado por: Ronaldo Soares; Evanílson (substituído posteriormente por Gustavo); João Carlos; Marcelo Dijan; André Luiz (expulso); Donizete Oliveira (expulso); Ricardinho (substituído posteriormente por Alex Alves); Dijair; Paulo Isidoro (substituído posteriormente por Túlio); Müller e Marcelo Ramos. O técnico que comandava a equipe era Levir Culpi (Cruzeiropédia, 2009).

Do outro lado, o Atlético-MG era formado por: Emerson; Walmir; Sandro Barbosa; Cláudio Caçapa; Ronildo (substituído posteriormente por Neguete); Gallo; Belletti; Lincoln;

Marques, Robert e Curê. Quem treinava a equipe era o técnico Dário Pereira (Cruzeiropédia, 2009).

Naquela tarde, Alberto Rodrigues Lima e Willy Fritz Gonser dividiam a narração da Rádio Itatiaia. Alberto dava voz aos lances protagonizados pelo Cruzeiro e Willy aos lances do Atlético-MG. Os comentaristas eram Osvaldo Faria e José Lino Souza Barros (Futebol Raiz, 2021).

A partida disputada em 2009 aconteceu no domingo dia 26 de abril, às 16 horas, também no Estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão, em Belo Horizonte-MG. Este foi o jogo de ida para disputar a final do Campeonato Mineiro, com duração de 90 minutos, e o placar final foi Cruzeiro 5 x 0 Atlético-MG. Os gols da equipe celeste foram marcados por Jonathan, aos 29' (2T) e 41' (2T), Leonardo Silva, aos 10' (2T) e 16' (2T), e Kleber aos 39' (1T) (Cruzeiropédia, 2009).

Quem apitou o jogo foi Paulo César Oliveira, e seus assistentes foram Roberto Braatz e Maria Eliza Correia Barbosa. O público pagante foi de 47.899 torcedores e a renda bruta de R\$1.078.742,50, mostrando um aumento significativo do valor do ingresso em comparação à primeira partida analisada devido ao preço do ingresso, por exemplo (Cruzeiropédia, 2009).

O time do Atlético-MG foi composto por: Juninho; Werley (substituído posteriormente por Marcos Rocha); Marcos; Leandro Almeida, que recebeu dois cartões amarelos e foi expulso; Júnior; Renan, que também foi expulso; Carlos Alberto; Márcio Araújo (substituído posteriormente por Kléber); Lopes (substituído posteriormente por Chiquinho); Diego Tardelli e Rafael Miranda. Quem comandava a equipe na época era o técnico Emerson Leão (Cruzeiropédia, 2009).

Do outro lado, o Cruzeiro era formado por: Fábio; Jonathan; Léo Fortunato; Leonardo Silva; Gerson Magrão; Fabrício (substituído posteriormente por Henrique); Marquinhos Paraná; Ramires; Wagner; Thiago Ribeiro (substituído posteriormente por Soares) e Kléber (substituído posteriormente por Wellington Paulista). O técnico da equipe era Adílson Batista (Cruzeiropédia, 2009).

A narração da Rádio Itatiaia foi realizada por Alberto Rodrigues Lima e Willy Fritz Gonser. Os comentários da partida foram feitos por Roberto Abras, setorista do Atlético-MG, e por Artur Guilherme Moraes Gusmão, setorista do Cruzeiro na época (Rádio Itatiaia, 2022).

A escolha desses dois jogos se deu pelos seguintes motivos: o primeiro é que comparar uma partida do século passado, de 1999, com outra que ocorreu dez anos depois, em 2009, torna a pesquisa mais densa e interessante; e o segundo é que, como os objetos de estudo provêm da narração de dois grandes locutores da Rádio Itatiaia, era preciso que ambos

estivessem presentes nas partidas, e 2009 foi o ano em que Willy Gonser anunciou a sua aposentadoria (Rádio Itatiaia, 2017).

Deve-se então entender como cada um desses narradores construiu a sua identidade e realizava o seu trabalho de forma fiel e tradicional, para a partir daí comparar as linguagens que ambos utilizaram no decorrer dos dois jogos, suas palavras-chave e bordões.

Alberto Rodrigues Lima diz para GÖTZ (2022), que a narração está muito mais ligada ao som, do que à técnica. Segundo ele você já nasce com isso, e essa função se distingue completamente da reportagem, plantão ou comentário. Além disso, o locutor afirma que esse dom é aprimorado com o passar do tempo: “Eu tenho 82 anos de idade, tenho praticamente carteira assinada profissionalmente, quase 60 anos de narração, estou aprendendo até hoje. Você aprende até hoje” (GÖTZ, 2022).

Ele é um dos locutores que usa a chamada “narração identificada” em seus jogos, que cresceu em Minas Gerais a partir de 1978, ano em que Alberto ainda estava na Rádio Inconfidência quase voltando para a Itatiaia (GÖTZ, 2022). “Essa forma fez tanto sucesso, conforme Rodrigues, que a audiência da Itatiaia cresceu exponencialmente [...] Rodrigues explica ainda que, quando havia jogos de Cruzeiro e Atlético no mesmo horário, Gonser e ele revezavam a narração de lances” (GÖTZ, 2022, p. 221).

Rodrigues reconhece que, na própria Itatiaia, existem narradores que poderiam substituí-lo. Contudo, somado à escassez do mercado, segundo ele, e sua identificação histórica, ainda demorará muito tempo para que um narrador ocupe seu posto, como ocorreu no caso de Mário Henrique Caixa, atualmente consagrado, que foi efetivado no lugar de Willy Gonser, após sua aposentadoria (GÖTZ, 2022, p. 221).

Alberto é um locutor de estilo livre e orientado, que naturalmente, assim como outros narradores paradigmáticos mudou o seu jeito de narrar ao longo dos anos de algo mais jovem para uma locução mais caricata. Com o tempo, também, sua voz perdeu potência, e o ritmo atualmente se encontra mais lento, chegando a ter aceleração em alguns momentos, mas sem a mesma capacidade do início de sua carreira (GÖTZ, 2022).

Apresenta variação interpretativa e modulação, diante das diferentes zonas do campo, segundo a posição da bola. Dos combustíveis para narração, de acordo com Schinner (2004), a emoção é seu principal atributo, seguido, principalmente, por carisma e liderança. Seu grito de gol pode ser considerado um bordão por si só. Utilizando a teoria musical como analogia, assim que ocorre o gol, Rodrigues, primeiro, grita uma sequência de gols intensamente em forma de staccato. É semelhante ao que o gaúcho Milton

Ferretti Jung fazia quando narrava pela Rádio Guaíba de Porto Alegre [...] Ele relatava: “gol, gol, gol” e, na sequência, emitia um grito mais longo. É a mesma lógica, no caso do Vibrante. Porém, se Jung mantinha um padrão de gritar três vezes gol, antes da emissão longa, Alberto Rodrigues não segue nenhuma ordem. Segundo ele, depende do momento do jogo. Pode ser mais, pode ser menos. O gol narrado por Alberto Rodrigues, geralmente, ocorre da seguinte forma: “gol, gol, gol, gol, gol, gol, gol, gol, gol, gol, gooooool, Cruzeiro!”. Na sequência, ele descreve a origem e a execução do lance, onde recupera o autor do gol e sua respectiva definição. No caso dos gols dos adversários, a intensidade é menor e na descrição, ele deixa transparecer seu incômodo, o que determina o estilo clubista empreendido pelo locutor (GÖTZ, 2022, p. 222 e 223).

Nas duas transmissões escolhidas é possível identificar essas características na forma de narrar do Vibrante. Na partida de 2009, por exemplo, ele narra o gol feito por Kleber no final do primeiro tempo, e repete a palavra “gol” mais de vinte vezes antes de pronunciá-la de maneira prolongada.

Já Willy Gonser, apesar de também ter seguido o modelo de narração identificada, era mais tradicional quanto à sua locução. O seu ritmo era mais acelerado, mantendo um fôlego impressionante ao fazer um grito de gol. Além disso, a emoção também estava presente em cada palavra sua e a paixão pelo futebol e pelo Atlético Mineiro ficava evidente quando ele assumia o microfone (GÖTZ, 2020).

Da mesma forma que o Vibrante, Willy marcou a vida de inúmeras pessoas ao dar o grito de “goooooool do Atléticoooo” e ao utilizar a expressão “bola no barbante”, característica dele quando as equipes marcaram seus gols (GÖTZ, 2022).

Além disso, ambos os narradores conquistaram o carinho das torcidas e de outras emissoras de rádio. Um fato que marca essa admiração foi a criação de personagens que imitavam as suas narrações, como o “Willy Cover” e “Albertinho Lombriga” do programa 98 Futebol Clube, na 98FM (Wikipédia, 2017).

No Cruzeiro x Atlético-MG disputado em 2009, por exemplo, Willy narra o segundo gol da Raposa seguindo este método. Ele anuncia o gol de cabeça do zagueiro Leonardo Silva segurando a palavra “goooooool” por cerca de 8 segundos, e só quando termina essa parte, completa: “do Cruzeiroooo” e cita o nome do jogador. Em seguida, ele repete como foi o lance e passa a palavra para Artur Moraes, setorista do time celeste.

Tanto a partida realizada em 1999, quanto a disputada em 2009, apresentam tais características. As suas semelhanças e diferenças serão apontadas na conclusão do trabalho, mas o caminho escolhido para realizar a pesquisa foi exatamente esse, que percorre a história do rádio no Brasil e em Minas Gerais, passa pela trajetória das transmissões e narrações esportivas, chega ao futebol mineiro e a rivalidade entre Cruzeiro x Atlético, até se



aprofundar nas transmissões de clássicos feitas pela Rádio Itatiaia e as grandes personalidades que as realizaram, fazendo um estudo comparativo entre duas partidas escolhidas com base no tempo e na popularidade.

É preciso ressaltar que as transmissões esportivas levam uma sensação única para quem as escuta, que é passada de geração em geração entre os torcedores. Elas estão marcadas na história e nas memórias de cada um. Afinal, seja através da voz ou pelos mecanismos existentes no rádio, o locutor emite sensações de arrepio, felicidade e angústia apenas através da sua voz, ato que impacta e impressiona. As narrações por si só já merecem ser objeto de estudo, e além disso, deve-se considerar que o futebol é uma paixão nacional, que mistura emoção e realidade, sendo parte constante da vida das pessoas (FABRIS, 2018).

### **3.1 OBJETIVO**

O objetivo do presente trabalho é comparar as narrações de duas partidas de futebol transmitidas pela Rádio Itatiaia, de Minas Gerais. A primeira foi disputada por Cruzeiro x Atlético, no Campeonato Mineiro de 1999. E a segunda também foi disputada por essas equipes, no mesmo torneio, mas aconteceu no ano de 2009.

Ambas foram realizadas no Estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão, e cada resultado foi favorável a uma equipe. Em 1999 o Atlético-MG venceu por 2x0, e em 2009 o Cruzeiro venceu por 5x0.

A comparação será baseada no método de narrar de duas grandes personalidades do radiojornalismo esportivo, Alberto Rodrigues Lima e Willy Fritz Gonser. Ambos são adeptos da chamada narração identificada, porém cada um usa um tipo de linguagem diferente, tornando interessante apontar essas particularidades e mostrar quais as semelhanças e diferenças encontradas entre os dez anos que separam os jogos.

Por meio dessa pesquisa será possível entender o que se manteve tradicionalmente e o que mudou ao longo do tempo, seja porque perdeu o sentido ou porque precisou acompanhar a evolução desse modelo de transmissão.

O desenvolvimento da tecnologia e o fácil acesso a internet, por exemplo, tiveram influência nisso, porque com equipamentos melhores é possível ouvir a voz do locutor com mais clareza e segurança, sem grandes interferências.

Outro ponto importante, além de ambas as narrações terem sido realizadas pelos mesmos locutores, é que registrar essa comparação é de extrema relevância para a história das transmissões e do rádio em Minas Gerais. Já que, por meio dela, será possível entender

como esse trabalho está em constante mudança mesmo seguindo um modelo tradicional que perdura por anos.

Essas narrações foram escolhidas porque em primeiro lugar a rivalidade entre Atlético-MG e Cruzeiro é um marco no estado de Minas Gerais e no Brasil. Em segundo lugar, porque as transmissões feitas pela Rádio Itatiaia são um sucesso há mais de sessenta anos. E em terceiro lugar, porque os dez anos que as separam param em 2009, ano da segunda partida analisada, em que o narrador Willy Gonser anuncia a sua aposentadoria e deixa os torcedores cheios de saudades. Um verdadeiro marco para o radiojornalismo esportivo mineiro.

É preciso salientar que, acompanhar as evoluções de um trabalho tão tradicional e bonito é fundamental para traçar novas estratégias e registrar as conquistas feitas até então. Por meio desse tipo de pesquisa as pessoas podem entender com clareza por que veículos como a Rádio Itatiaia são tão importantes, quais impactos trabalhos como esses têm na vida das pessoas, e como podem valorizá-los ainda mais (GÖTZ, 2020). “A existência da emissora em si já merece ser objeto de estudo por ser um importante referencial para o entendimento do atual quadro radiofônico mineiro, bem como suas tendências frente à globalização.”(SANTOS, 2008, p.2)

### **3.2 METODOLOGIA**

Para iniciar o trabalho em questão foi necessário primeiramente fazer um levantamento teórico para embasar a pesquisa. Deve-se partir do princípio que, como um dos pilares do tema são as narrações esportivas da Rádio Itatiaia, foi necessário inicialmente contar a história do rádio no Brasil e em Minas Gerais.

Para isso foi utilizada primeiro a obra de Calabre (2002), com o objetivo de contextualizar em que período da história do Brasil o rádio começou a fazer parte da vida das pessoas, quais foram as primeiras emissoras a serem criadas, como esse veículo midiático foi estruturado e como ele se desenvolveu ao longo dos anos.

Em seguida, a obra de Mauad (2009) vem para contar como as programações eram feitas, pelo que a chamada Era de Ouro do rádio ficou marcada e em quais fases a sua história foi dividida, sempre relacionando com o momento em que o país estava vivendo.

Porém, para além disso, é necessário falar sobre o desenvolvimento tecnológico que o acompanhou durante sua trajetória. E é aí que Ferraretto (2012) entra, explicando quando surgiram os rádios de pilha, em que período as estações AM e FM foram difundidas e como

as emissoras se popularizaram e alcançaram cada vez mais pessoas, de todas as idades e classes sociais.

Após essa etapa, torna-se preciso analisar a história do rádio trazendo-a para mais perto do objetivo do trabalho. Então a obra de Mauad (2009) retorna para começar a contar como o rádio surgiu em Minas Gerais, quais foram as primeiras emissoras a serem instaladas no estado e pelo que elas eram conhecidas naquela época.

Para aprofundar o estudo do rádio mineiro, é utilizada a obra de Prata (2003), que explica como surgiu primeiramente a Rádio Inconfidência, em seguida como foi criada a Rádio Itatiaia e logo após como a Rádio Favela foi construída. As três estão marcadas na história do rádio em Minas e constituem verdadeiros marcos até os dias de hoje, mesmo que a Rádio Favela, por exemplo, não exista mais.

Chega então o momento de falar sobre o futebol, paixão atemporal na vida dos brasileiros. Quem começa a ilustrar a história desse esporte é Guimarães (2020), contando como ele foi introduzido no Brasil e quais foram as primeiras equipes a disputá-lo. Além disso, por meio da sua obra é possível compreender como foi o seu processo de profissionalização, em que contexto histórico o futebol se popularizou e em que momento as emissoras de rádio o viram como um produto interessante para trabalharem.

Guimarães (2020) junto à Polleto et al (2016), contam a partir daí como as transmissões esportivas começaram e de que formas eram feitas, com poucos recursos e quase nenhuma tecnologia. Guimarães (2020) descreve quando e como ocorreu a primeira narração esportiva no Brasil, e dá detalhes interessantes sobre aquele dia. Ele também fala sobre as narrações experimentais que já eram feitas naquela época e quais eram as dificuldades enfrentadas para realizá-las.

Os autores traçam em seguida uma espécie de linha do tempo que explica como esse modelo de transmissão evoluiu e foi se espalhando pelas rádios do país ao longo dos anos, e é aí que Götz (2020) entra. Ele fala sobre como eram os modelos de narrações usados pelas rádios da época, passando pelas principais emissoras e os narradores que entraram para a história e tiveram destaque em cada uma delas.

E em meio aos diferentes tipos de narrações difundidas pelos estados, ganha destaque a chamada “narração identificada”, muito utilizada pela Rádio Itatiaia, de Belo Horizonte. Tal fato aproxima ainda mais a pesquisa do objetivo do trabalho, e Götz (2020), juntamente com Santos (2008) e Cunha (2003), conta como começou a trajetória desta rádio, quais características a fazem ser tão consolidada e ter tanto carinho do público, como as suas transmissões esportivas começaram e para além disso, o que torna suas narrações serem tão

especiais para as pessoas. Elas se destacam em Minas Gerais principalmente quando são feitas por grandes nomes do radiojornalismo esportivo mineiro, como Alberto Rodrigues Lima, Willy Fritz Gonser e Mário Henrique, por exemplo. E mais ainda quando são referentes a jogos disputados por Atlético x Cruzeiro.

A obra de Soares (1994) é utilizada então para contar a história dessa rivalidade, que começou em 1950, e é marcada tanto dentro quanto fora de campo. Entender a dimensão do que é essa disputa é fundamental para compreender a relevância da pesquisa, e a partir daí ter uma base sólida para comparar as duas partidas escolhidas.

Como os narradores em questão são Alberto Rodrigues e Willy Gonser, conta-se também por meio de Götz (2020), do site do Jornal O Tempo e de um memorial da Itatiaia um pouco sobre a trajetória de cada um deles, que marcaram a vida de inúmeros torcedores.

Os jogos escolhidos para fazer o estudo comparativo foram Atlético 2 x 0 Cruzeiro, disputado em 1999 e Cruzeiro 5 x 0 Atlético, disputado em 2009. O primeiro passo para começá-lo foi levantar todas as informações referentes às partidas, como a data em que aconteceram, o local, a escalação das equipes, quais jogadores marcaram os gols, quem eram as equipes de arbitragem presentes, quem eram os treinadores e por quem eles foram narrados e comentados na Rádio Itatiaia.

Em seguida foram levantadas as principais características que cada narrador escolhido possui ao realizar as transmissões, e será com base nas semelhanças e diferenças entre ambas apresentadas nos dois jogos que o estudo irá seguir.

A análise deu continuidade quando as narrações referentes aos dois jogos começaram a ser ouvidas. Foram escutados os 90 minutos de ambas as partidas, divididos em trechos encontrados na plataforma de vídeos “Youtube”, por cerca de 15 vezes cada uma. O lance a lance foi realizado com base não só nas gravações dos jogos, mas nos registros encontrados em sites gerenciados pelas torcidas dos times em questão. Ao acessar o Cruzeiopedia, foi possível encontrar as descrições dos principais lances da partida disputada em 2009, tanto do primeiro quanto do segundo tempo.

Além das transmissões, também foram ouvidas entrevistas com ambos os narradores para que fosse possível ouvi-los falar sobre futebol fora das cabines de rádio. Primeiro o Willy Gonser foi ouvido na Web Rádio Galo, em 2014, e depois Alberto Rodrigues foi ouvido através do canal Torcida Celeste Oficial, sendo os dois pela plataforma de vídeos YouTube.

Deve-se então falar sobre a categoria escolhida para embasar a comparação, que no caso será o estilo de locução característico de Alberto Rodrigues e Willy Gonser. Este

engloba os bordões utilizados, a maneira como cada um dava o grito de gol e mencionava o jogador que o realizou, a velocidade em que fazia isso e por quanto tempo se dedicava à essa comemoração.

### 3.3 ESTILOS DE LOCUÇÃO

#### a) Alberto Rodrigues Lima

Alberto é o narrador em atividade mais antigo do rádio esportivo mineiro, e durante seus anos de carreira ficou conhecido também pelos bordões utilizados nas suas narrações. Segundo ele, todo locutor precisa, além de descrever os lances, incluir elementos durante as transmissões que vão chamar a atenção dos ouvintes (GÖTZ, 2022).

O Vibrante apresenta o “gol, gol, gol, gol, gol do Cruzeiro!” e deu apelidos a jogadores da equipe celeste que ficaram marcados por gerações. Alex ficou conhecido como “Talento Azul”, Ricardinho como “Mosquitinho” e Marcelo Moreno como “Flecheiro”, por exemplo (Rádio Itatiaia, 2019).

Ele iniciou os seus trabalhos na rádio esportiva mineira em 1955, e a partir de 1963, quando foi para a Rádio Itatiaia, se consagrou como um ícone dos microfones da emissora. Entre os seus grandes feitos estão, por exemplo, a narração da abertura do Mineirão, no dia 5 de setembro de 1965, várias Copas do Mundo in loco e as inúmeras partidas do Cruzeiro em que ele marcou os corações da torcida celeste (Lance, 2019).

#### b) Willy Fritz Gonser

Willy Gonser foi dono de uma das vozes mais conhecidas da rádio de Minas Gerais. Ele era conhecido como o narrador “mais completo do Brasil” e immortalizou os gritos de “É gooooo! Do Atléticoooo” quando narrava os jogos do time alvinegro, segurando o fôlego da palavra “gol” por longos segundos (Gazeta do Povo, 2008).

A sua rapidez para descrever os lances era impressionante, e a emoção de narrar as partidas estava presente em cada um deles. Um dos seus bordões mais conhecidos era o “bola no barbante”, quando a bola atravessava as redes. Além disso, ele usava de um recurso interessante durante as partidas: trazia uma multiplicidade de informações sobre os jogadores que prendia a atenção dos ouvintes, gerando conteúdo na transmissão (Trivela, 2017 Notícias).

### 3.4 ANÁLISE

A partir da pesquisa realizada no presente trabalho, foram feitas análises importantes após comparar as narrações das duas partidas em questão. Deve-se primeiro pontuar as semelhanças, para em seguida falar sobre as diferenças notadas entre o trabalho realizado por Alberto Rodrigues e Willy Gonser nos jogos.

Começando pelo “Vibrante” que usa termos característicos do seu trabalho nos dois clássicos, como por exemplo o verbo “penetrar”, no sentido de insistir na jogada, enfrentar os jogadores adversários e seguir com a bola. Nota-se tal prática em vários lances, como: no jogo disputado em 1999, na jogada que antecedeu o pênalti que favoreceu o Atlético-MG, elenarra “penetrou o ataque do alvinegro, agora com Lincoln, Lincoln domina, fica cercado, finta o seu marcador, vai chutar...”. Também é possível observar esse hábito no jogo de 2009, na jogada que antecedeu o primeiro gol do time celeste, em que Alberto Rodrigues narra: “bom passe agora para Ribeiro, penetrou, vai avançando, vai penetrando...”.

Os gritos de gol narrados nas duas partidas também seguem o mesmo estilo. No primeiro jogo, ao narrar o segundo gol da equipe alvinegra, o Vibrante repetiu a palavra “gol” por cerca de 11 vezes. Em seguida ele a menciona de novo, mas de maneira alongada, gritando “gooooool” por cerca de 6 segundos, anuncia o time que o marcou, o jogador responsável e explica como ele fez a jogada que originou o gol, para só depois disso passar a palavra para o comentarista Roberto Abras. Em 2009 isso também acontece dessa forma, como por exemplo no gol marcado por Kleber, jogador do Cruzeiro, aos 40 minutos do 1º tempo. Nesse lance ele repete a palavra “gol” por cerca de 23 vezes, e a segura gritando “gooooool” por 6 segundos logo em seguida, até mencionar “Cruzeeeeiro, Kleber, Kleber o Gladiador, fulminante...” e seguir a mesma ordem da primeira partida, explicando como foi a jogada, atualizando o placar e passando a palavra para o comentarista Artur Moraes.

Outra característica interessante de Alberto são os adjetivos usados para dar ainda mais emoção aos gritos de gol. No gol narrado no primeiro clássico, ele diz “Lincoln, bateu esplendidamente o pênalti de perna direita, no canto esquerdo [...] o chute foi forte, rasante, sem chance para o goleiro do Cruzeiro...”. No segundo jogo ele também usa esse recurso, dizendo: “Kleber o Gladiador, fulminante o chute dele, inesperado ele girou esplendidamente, numa velocidade impressionante bateu de perna direita, cruzamento depois de um bom toque de bola do ataque celeste. Kleber o Gladiador, camisa 30, marcando de forma notável...”

Além disso, ele mantém até hoje, diga-se de passagem, o hábito de apelidar os jogadores e se referir a eles dessa maneira. Ricardinho, que jogava pelo Cruzeiro em 1999 como volante, era o “Mosquitinho”, e Jonathan, lateral-direito do time celeste em 2009, era chamado de “Touro Sentado”.

Nota-se também que a empolgação para narrar os lances que acontecem nos dois jogos é a mesma. Alberto os descreve com tanta vontade que é possível se transportar para o local do jogo apenas por meio da audição. Ele usa palavras como “golaço” para dar ainda mais ênfase quando o gol marcado é mais bonito, e muda o ritmo da voz nesses momentos para destacá-las em meio à narração.

Deve-se falar agora sobre as diferenças notadas entre a narração feita pelo Vibrante na partida de 1999 e de 2009. Começando pelo fato dele usar a expressão “carijó” para se referir à torcida alvinegra no primeiro jogo, que depois de alguns anos caiu em desuso, e fazia alusão ao “Galo carijó”.

Além disso, é possível notar que a qualidade do som é melhor na segunda partida, devido ao desenvolvimento tecnológico apresentado ao longo dos anos, que deixou a narração mais clara e limpa.

Outro fato interessante é que, neste mesmo jogo, apesar de Alberto manter o estilo de narração ao fazer o grito de gol repetindo essa palavra constantemente, ele a reproduz o dobro de vezes na segunda partida, enfatizando ainda mais o gol marcado pelo time celeste.

Já Willy Fritz Gonser, têm outras características a serem ressaltadas quanto ao seu estilo de narrar os jogos. Começando pelo seu sotaque curitibano que dispensa apresentações, e sempre dava um realce a mais nas jogadas quando ele pronunciava algumas palavras com “r” levando a língua até o céu da boca quando passava por essa letra. Isso acontecia ao falar, por exemplo, os nomes de “Marques” e “Leonardo”.

Outra semelhança notada entre os dois jogos, é a maneira como ele narra os gritos de gol. Na partida de 1999, ele faz o lance a lance até a bola atravessar as redes e no momento que ela entra no gol, ele grita “É gol!” e faz uma pausa de aproximadamente 6 segundos, enquanto toca a vinheta do Atlético-MG que repete “Galo, Galo, Galo” com uma melodia ao fundo. Depois dessa etapa é que ele faz um grito de gol demorado, segurando o “Gooooool” por cerca de impressionantes 18 segundos, e aí então dá nome ao jogador que o fez e faz mais uma pausa de 5 segundos. Quando ela termina, ele menciona em qual minuto da partida o golfoi marcado, repete por três vezes o nome “Marques” (autor do gol) e continua a narração dizendo: “O craque da camisa 9, de cabeça, lá dentro. 1 para o Atlético, 0 para o Cruzeiro. Bola no barbante!”.

No jogo disputado em 2009, ele segue um ritual feito de maneira semelhante. Ao narrar um escanteio marcado para o time celeste, Willy diz: “[...] tá na área de Juninho, fechadão, cabeçada [...]” com ênfase na última palavra, e faz novamente uma pausa, até gritar “Gooooool” por cerca de 10 segundos, emendando com “do Cruzeiro” e fazendo uma pausa de 5 segundos enquanto toca a música: “É gol, que felicidade. É gol, o meu time é a alegrada cidade.” Após a palavra “felicidade” ele cita o nome do jogador Leonardo Silva, autor do gol, e quando o trecho da melodia termina ele repete como foi o lance, atualiza o placar e passa a palavra para o comentarista Artur Moraes.

Algo que também marcou os jogos narrados por Willy Gonser foram as expressões usadas por ele, presentes nos dois clássicos em questão, como “Lá dentro!” para indicar que a bola entrou no gol e o famoso “Bola no barbante!” quando a mesma também atravessava as redes. Quando não usadas por ele, eram mencionadas pelo comentarista, fazendo um tipo de complemento à sua narração.

O fôlego de Willy é algo que se mantém nas duas partidas. Tanto no jogo de 1999, quanto de 2009, ele segura os gritos de gol e algumas palavras específicas, como o nome do time e do jogador, com segurança e sem fazer pausas, ou fazendo pausas curtas. Além disso, ele dá continuidade na narração repetindo como ocorreu o lance com um tom de voz alto, sem parar. Isso ocorre tanto nos momentos em que os gols são marcados quanto em lances de perigo protagonizados pelas equipes.

Quando o assunto são as diferenças, também se nota o uso da expressão “carijó” presente no seu vocabulário para se referir à torcida do Atlético, que não aparece no segundo jogo analisado e nem em outras partidas, pois caiu em desuso.

Outro ponto já citado anteriormente é com relação à qualidade do som entre as duas partidas, que melhorou ao longo do tempo devido ao desenvolvimento da tecnologia e dos veículos de rádio.

É preciso ressaltar também algumas variações que ocorrem durante os gritos de gol feitos por Willy. No segundo clássico, nos 4 gols que ele narra, a pausa entre o fim das jogadas, quando a bola entra, até o grito de gol é bem menor que no jogo disputado em 1999. O grito vem praticamente em seguida do fim do lance. Outro ponto também observado no segundo jogo, é que ao narrar o quarto gol da equipe celeste, marcado por Jonathan, ele cita o nome do jogador logo depois de anunciar que é um gol do Cruzeiro, dizendo: “[...] carregou pelo meio, tabela feita, Jonathan bateu é gool! Gooooooool de Jonathan para o Cruzeiro.” sem seguir à risca uma ordem na hora de gritar o gol, fazer uma pausa e então apresentar o jogador que o marcou. Tanto o Vibrante quanto Willy narravam seus gols de maneira



marcante, o primeiro de maneira mais acelerada e o segundo um pouco mais lento, prolongando mais as palavras, mas sem perder o fôlego.

#### 4. CONCLUSÃO

Conclui-se, dessa maneira, que tanto as semelhanças quanto as diferenças apontadas se completam de alguma forma. Ao longo dos anos, algumas alterações foram feitas para que o modo de narrar as partidas se adaptasse com a evolução dos meios de comunicação e da sociedade, mas algumas características foram mantidas para seguir a tradição e manter a fidelidade indiscutível dos torcedores.

É preciso ressaltar também que, apesar de existirem fatores antagônicos, aqueles que resistiram ao passar dos anos se sobressaem, visto que há muito mais semelhanças entre os estilos de narrar de Alberto Rodrigues e Willy Gonser nos dois jogos que diferenças.

Tal fato se relaciona com a tradicionalidade seguida pela Rádio Itatiaia que é passada ano após ano para os profissionais que ali trabalham, e inclui os narradores em questão que viveram suas carreiras em contato direto com o esporte e marcaram a vida não só do público mineiro, como também de outros estados.

Logo, de modo geral, analisando-os como um todo, nota-se que ambos são profissionais que marcaram a história da emissora e do radiojornalismo mineiro como um todo. Cada um, à sua maneira, construiu uma identidade que será sempre lembrada por pessoas que trabalham na área e pelos milhares de torcedores que os acompanharam, tanto celestes quanto alvinegros.

Alberto, como diria GÖTZ (2020), é um narrador pragmático, o mais tradicional do rádio mineiro, que usa de artifícios até hoje para manter a atenção dos ouvintes e fazê-los sentir que seu trabalho é único, que aquela emoção que ele provoca nos torcedores com as suas palavras não será encontrada em nenhum outro lugar.

Enquanto Willy ficou conhecido por ser um profissional completo que narrava todo tipo de competição, mas que marcou, principalmente, a história das transmissões dos jogos do Atlético-MG pela Rádio Itatiaia e ganhou o carinho e admiração da torcida alvinegra.

## 5. REFERÊNCIAS

ABERT. História do Rádio no Brasil. Disponível em:

<<https://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/23526-historia-do-radio-no-brasil#:~:text=O%20r%C3%A1dio%20nasceu%20no%20Brasil>>. Acesso em: 31 maio 2022.

CALABRE, Lia. A Era do Rádio - Memória e história [s.l: s.n.]. Disponível em:

<[https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177543\\_64d94485f48bcc1ef74c87ec1c1efae.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177543_64d94485f48bcc1ef74c87ec1c1efae.pdf)>. Acesso em: 05 out 2022.

CUNHA, M. R. DA; HAUSSEN, D. F. Rádio brasileiro: episódios e personagens. [s.l.]

EDIPUCRS, 2003. Disponível em:

[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang\\_pt&id=EMxReJ\\_BVr4C&oi=fnd&pg=PA7&dq=R%C3%A1dio+brasileiro:+epis%C3%B3dios+e+personagens&ots=f4\\_tjOZPL7&sig=w8YSQJpSijMBUi4dCmrYkPOh9Rc#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=EMxReJ_BVr4C&oi=fnd&pg=PA7&dq=R%C3%A1dio+brasileiro:+epis%C3%B3dios+e+personagens&ots=f4_tjOZPL7&sig=w8YSQJpSijMBUi4dCmrYkPOh9Rc#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 31 maio 2022.

CruzeiroPedia.: A História do Cruzeiro Esporte Clube. Campeonato Mineiro 2009 -

Disponível em: <[https://cruzeiropedia.org/Campeonato\\_Mineiro\\_2009](https://cruzeiropedia.org/Campeonato_Mineiro_2009)>. Acesso em: 31 out. 2022.

FABRIS, J. Narração esportiva: história, linguagem e protagonistas. Disponível em:

[www.lume.ufrgs.br](http://www.lume.ufrgs.br), 2018. Acesso em: 03 junho 2022.

FERRARETTO, L. A. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil.

Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura, v. 14, n. 2, 4 ago. 2012. Disponível em:

<<https://seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/418>> Acesso em: 03 junho 2022.

GUIMARÃES, C. O início da narração esportiva no rádio brasileiro: as transmissões pioneiras. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/profile/Debora-Lopez-2/publication/344876958\\_Radio\\_no\\_Brasil\\_100\\_anos\\_de\\_historia\\_em\\_re\\_construcao/links/5f95fe3992851c14bce782fc/Radio-no-Brasil-100-anos-de-historia-em-re-construcao.pdf#page=79](https://www.researchgate.net/profile/Debora-Lopez-2/publication/344876958_Radio_no_Brasil_100_anos_de_historia_em_re_construcao/links/5f95fe3992851c14bce782fc/Radio-no-Brasil-100-anos-de-historia-em-re-construcao.pdf#page=79) p. 76-96, 2020. Acesso em: 31 de maio de 2022.

GÖTZ, C. A narração esportiva no rádio do Brasil: uma proposta de periodização histórica

Sports narration on radio in Brazil: a proposal for historical periodization. João Pessoa, Brasil | 2020, v. 7, p. 66–86, [s.d.]. Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/c464/b2ab1de2195e56c274c0305fb6a2dd52c237.pdf>.

Acesso em 31 maio 2022.

GÖTZ, C. A narração de futebol no contexto de rádio expandido. Escola de comunicação, artes e design - FAMECOS Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Porto Alegre, Brasil | 2022 [s.l: s.n.]. Disponível em:

<<https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/10209/2/TESE%20CIRO%20G%c3%96TZ.pdf>>

Acesso em 31 maio 2022.

INSET. Rádio Itatiaia: líder de audiência no Brasil foca no digital e prepara novidades.

Disponível em:

<<https://www.inset.com.br/negocios/radio-itatiaia-lider-de-audiencia-no-brasil-foca-no-digital-e-prepara-novidades-1>>. Acesso em: 31 maio 2022.

MAUAD, S. A história do rádio no Brasil e em Minas Gerais. 2009. Disponível em: <[http://www.bocc.ubi.pt/pag/r%C3%A1dio\\_brasil\\_minas.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/r%C3%A1dio_brasil_minas.pdf)>. Acesso em: 31 maio 2022.

MINAS, R. ITATIAIA. Rádio Itatiaia 610 am - 95,7 fm. Disponível em:

<<https://www.itatiaia.com.br/memoria-itatiaia>>. Acesso em: 31 maio 2022.

MINAS, R. ITATIAIA. Quem Somos - Rádio Itatiaia | A Rádio de Minas. Disponível em:

<<https://www.itatiaia.com.br/sobre/radio-itatiaia>>. Acesso em: 31 maio 2022.

MINAS, R. ITATIAIA. Rádio Itatiaia 610 am - 95,7 fm. Disponível em:

<<https://www.itatiaia.com.br/memoria-itatiaia/Biografia/14>>. Acesso em: 31 maio 2022.

MINAS, R. ITATIAIA. ITATIAIA 80 ANOS: 8 Curiosidades que você precisa saber sobre o narrador Alberto Rodrigues. Disponível em:

<<https://www.itatiaia.com.br/noticia/80-anos-8-curiosidades-que-voce-precisa-saber>>.

Acesso em: 31 maio 2022

PRATA, N. et al. O Rádio entre as montanhas histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira. [s.l: s.n.]. Disponível em:

<<https://blog.ufba.br/portaldoradio/files/2012/10/O-r%C3%A1dio-entre-as-montanhas-livro-completo.pdf#page=22>>. Belo Horizonte, Brasil | 2010. Acesso em: 31 maio 2022.

PRATA, N. Panorama do rádio em Belo Horizonte. [s.l: s.n.]. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Panorama%20do%20radio%20em%20Belo%20Horizonte.pdf>>. Belo Horizonte, Brasil | 2010.

Acesso em: 31 maio 2022.

POLETTO, T. R. et al. A transmissão esportiva no rádio. Anais do EVINCI - UniBrasil, v. 1, n. 4, p. 1744–1748, 2015. Disponível em:

<https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/anaisvinci/article/view/998/974>

Acesso em: 31 maio 2022.

SANTOS, M. O local e o global na Rádio Itatiaia. [s.l: s.n.]. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/O%20local%20e%20o%20global%20na%20Radio%20Itatiaia.pdf>>. Belo Horizonte, Brasil |

2008. Acesso em: 31 maio 2022.

SOARES, R. Além do jogo: A atmosfera da maior rivalidade de Minas Gerais. Universidade Federal de Ouro Preto - Instituto De Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social. Curso de jornalismo. [s.l: s.n.]. Mariana, Minas Gerais, Brasil | 2020. Disponível em:

<[https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/2796/7/MONOGRAFIA\\_A1%c3%a9mJogoAtmosfera.pdf](https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/2796/7/MONOGRAFIA_A1%c3%a9mJogoAtmosfera.pdf)>. Acesso em: 31 maio 2022.

TEMPO, O. Atlético x Cruzeiro: números e fatos marcam 101 anos de clássico | O TEMPO.

Disponível em:

<<https://www.otempo.com.br/superfc/cruzeiro/atletico-x-cruzeiro-numeros-e-fatos-marcam-101-anos-de-classico-1.2625407>>. Acesso em: 31 maio 2022.

TEMPO, O. Willy Gonser | O TEMPO. Disponível em:

<<https://www.otempo.com.br/opiniao/chico-maia/willy-gonser-1.206809>>. Acesso em: 31 maio 2022.

TEMPO, T. Willy Gonser - Que fim levou? Disponível em:

<<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/willy-gonser-69>>. Acesso em: 31 maio 2022.